

RELATO



INTERVENÇÕES CLÍNICO-POLÍTICAS DO GRUPO VEREDAS COM A POPULAÇÃO IMIGRANTE

<https://dx.doi.org/10.59068/24476137grupoveredas>



Cristiane Regina da Cruz
criscruzpsico@gmail.com

Psicanalista e Psicóloga. Mestra em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), coorientação Universidade de São Paulo (USP). Membro dos grupos Veredas – Psicanálise e Migração do IP-USP; Laboratório de Psicanálise Sociedade e Política (PSOPOL) do IP-USP; e Núcleo de Estudos e Trabalhos Terapêuticos (NETT).

Gabriel Inticher Binkowski
binkowski@usp.br

Psicanalista, Psicólogo e Professor Doutor. Pós-Doutorado em Psicologia Clínica pela Universidade de São Paulo (USP). Doutor em Psicologia e Mestre em Clínica Transcultural pela Universidade Paris 13. Supervisor do Grupo Veredas – Psicanálise e Migração do IP-USP.

Intervenções clínico-políticas do Grupo Veredas com a população imigrante

Clinical-political interventions of the Veredas Group with the immigrant population

Intervenciones clínico-políticas del Grupo Veredas con la población inmigrante

O Grupo Veredas - Psicanálise e Migração consiste em um projeto de extensão do Laboratório de Psicanálise, Sociedade e Política (PSOPOL) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP). O projeto é coordenado pela Profa. Tit. Miriam Debieux Rosa e pelo Prof. Dr. Gabriel Inticher Binkowski. Oferece acolhimento e escuta psicanalítica para imigrantes em diferentes espaços da cidade de São Paulo há 21 anos, tendo o início das atividades de extensão acontecido em 2004.

A equipe trabalha com o referencial psicanalítico e de clínica transcultural, propondo atendimentos em português, francês, espanhol, inglês e árabe. São ofertados atendimentos nas modalidades presencial e online. Durante toda a pandemia de Covid-19 foram realizados, exclusivamente, atendimentos online para a população imigrante residente na cidade de São Paulo e em todo território nacional, além de participações pontuais em mutirões e intervenções acompanhando instituições públicas e caritativas que atuam junto a populações imigrantes da cidade de São Paulo.

O trabalho do Veredas é compreendido pelas intervenções clínico-políticas e seus impasses nos contextos marcados por conflitos políticos e culturais, como postulado por Rosa (2018), uma escuta psicanalítica das vidas secas, sujeitos afetados pelas temáticas da exclusão social, pobreza, racismo, gênero, indiferença, humilhação, exílio e aprisionamento.

Segundo Rosa (2018), o sofrimento sociopolítico desarvora o sujeito do seu lugar de fala, culminando no desamparo discursivo, que é indissociável ao desamparo social, expoente da clínica do traumático em meio à errância do sujeito nesse contexto.

Entra em cena a psicanálise implicada, compreendida pela problematização da articulação entre sujeito e enlaçamento social, os modos de desejo e gozo enredados na máquina de poder, que culminam na suspensão do lugar discursivo do sujeito (Rosa, 2018). Para tanto, recorreremos a práxis de intervenções psicanalíticas clínico-políticas no campo da clínica do traumático, e da articulação de redes, saberes e estratégias para mitigar o sofrimento que compromete radicalmente a condição humana.

A clínica psicanalítica implicada convoca a população imigrante para a construção de uma rede discursiva e de dispositivos de instituição de amparo para esse público, ocupando papel crucial neste cenário de vulnerabilidade e de luta pela sobrevivência.

Antes de apresentarmos um panorama do trabalho do Veredas fora do *setting* tradicional, pontuamos é histórica a discussão das práticas clínicas fora do consultório tradicional, assim como existem criações significativas de diferentes dispositivos interventivos ao longo da história psicanalítica.

O Veredas tem logrado consistentes trabalhos, de forma gratuita, em parceria com instituições de referência para o atendimento da população imigrante na cidade de São Paulo. Ponderamos que um trabalho dessa magnitude e complexidade não se realiza de forma isolada, é imprescindível a articulação do trabalho em rede.

A nossa equipe é formada por profissionais voluntários em saúde mental - psicólogos e psicanalistas -, e estagiários em formação de universidades públicas e privadas na cidade de São Paulo.

O nascedouro das nossas atividades foi na sede da Missão Paz - Casa do Migrante, uma instituição filantrópica religiosa de scalabrinianos na região do Glicério em São Paulo, que oferece abrigo para refugiados e migrantes de diferentes nacionalidades, com uma multiplicidade de serviços para essa população. Continuamos atuando junto à Casa do Migrante até a presente data, com o dispositivo nomeado escuta de corredores, ou escuta migrante, que se desloca em direção ao outro, deixando o território de origem para adentrar o território do outro.

Desenvolvemos o nosso trabalho junto a outras instituições parceiras, tais como Centro de Referência e Atendimento para Imigrantes (CRAI), Programa de Psiquiatria Social e Cultural (PROSOL) do Instituto de Psiquiatria (IPq) do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (HCFMUSP), Centro de Integração do Migrante (CIM), Caritas Arquidiocesana de São Paulo (CASP), escolas públicas do município de São Paulo, redes de saúde e assistencial SUS e SUAS, Clínica de Psicologia do IP-USP, coordenação da REDE – reunião mensal de profissionais e instituições que atuam com essa população.

Para exemplificar a escuta migrante realizada pelo Veredas, partilhamos, a seguir, um caso atendido no CRAI, um dos eixos do Veredas desde o final de 2017.

José (nome fictício), jovem venezuelano de 17 anos, recém-chegado ao Brasil, estava na sala de atendimento do CRAI, acompanhado da sua mãe. Na posição de analista do Veredas, neste dispositivo de livre circulação pelas dependências do espaço, eu Cristiane Cruz estava conversando com outro imigrante, ao lado de José e sua mãe, quando essa pessoa foi chamada pelo atendente para dar entrada no processo de documentação. Nesse momento, a mãe de José, curiosa e atentamente me observando, iniciou uma conversa comigo. Expliquei sobre o trabalho de escuta que realizava, então, ela contou resumidamente a situação de José e disse que ele precisava conversar comigo, me entregando uma miríade de relatórios e exames médicos.

José ficou calado o tempo todo, seus olhos, às vezes, nos fitavam, outras, vagavam pelo espaço. Perguntei se ele desejava conversar comigo, ele respondeu afirmativamente. Nesse cenário, fui confirmar uma sala disponível, como de praxe, assim, subimos para o andar superior. Antes, ele estava segurando um “paninho” que foi entregue para sua mãe, isso chamou a minha atenção, contudo um sentido simbólico para aquele ato somente foi possível *a posteriori*, com base na transferência e contratransferência estabelecidas. Aquele paninho se assemelhava a uma fraldinha de bebê, aquele objeto que pareceu assumir a função de objeto transicional, de ninar e materno. Essa hipótese pareceu relevante a partir do relato da sua trajetória de vida.

José se contou como uma criança criada no mundo, por conta própria, saiu de casa muito criança e estava retomando o contato com a sua mãe somente naquele momento no Brasil. Sua história familiar é assustadoramente trágica e sua vida uma sucessão de infortúnios. Seu pai foi assassinado quando ele estava na primeira infância, já separado da sua mãe; assim, ele estreitou o seu vínculo afetivo com o irmão mais velho, que assumiu uma função paterna.

Contou que seu irmão era o seu herói, uma figura destemida, valente, com quem aprendeu a manusear armas. Seu irmão tinha ingressado na vida do crime, se tornou uma espécie de “Robin Hood” para ele, sustentava a família, segundo a sua visão. Em dia fatídico, seu irmão também foi assassinado. Doravante, José, em torno dos 11 anos, decidiu entrar para o mundo do crime e vingar a morte do seu irmão. Desde essa época começou o uso intenso de álcool e drogas, foi expulso de casa pela mãe e cortaram os laços.

Assim, iniciou sua jornada de errância por outras cidades e países, passando uma temporada na Colômbia, e, por último, estava no Peru, onde tinha sido sentenciado por conflito com a lei e estava em tratamento em um hospital psiquiátrico por crise psicótica, instituição que conseguiu localizar sua mãe no Brasil, onde estava vivendo com o atual companheiro brasileiro. Partindo dessa decisão judicial, sua mãe retomou sua tutela e buscava encaminhamento para o seu tratamento de saúde, com aquele dossiê de documentos apresentado no CRAI.

Naquela época, o atendimento do Veredas no CRAI acontecia como um único ato clínico, uma única vez, pois as pessoas não costumavam voltar ao serviço, seja pela especificidade do equipamento, impossibilidade financeira ou de outra ordem.

Contudo, o caso do José convocava outra tratativa. Em conjunto com a assistência social, conseguimos um encaminhamento para o CAPS-AD na região central. No dia agendado, marquei encontro com José no CRAI para irmos juntos ao CAPS-AD, exercendo uma função similar de A.T. (acompanhante terapêutico), na escuta migrante pelo novo território, no país de acolhida para José. Foi uma interessante conversa e caminhada pela cidade. No CAPS-AD, ajudei na mediação das tratativas burocráticas e tradução do idioma; posteriormente, tive uma conversa individual com a responsável pelo atendimento da equipe multidisciplinar. Com o tratamento iniciado na rede pública de saúde, o acompanhamento do Veredas é finalizado. Trata-se do término de uma etapa, não do encerramento do caso propriamente dito, tampouco das nossas angústias suscitadas neste dispositivo escuta migrante. Para sustentar o fazer psi, temos que sustentar essa posição.

Em meio à exposição de violências e dessubjetivação, entendemos que a escuta psicanalítica oferecida possibilita o sujeito falar por si, não entrando em cena o saber totalizante do outro, os saberes médicos e jurídicos. Dessa forma, há possibilidade de o sujeito retomar o seu lugar no laço, contar e se implicar na sua história, elaborar suas vivências e construir novas saídas. São indissociáveis as questões subjetivas das sociais que se apresentam, portanto, incidem concomitantemente sobre os sintomas e as diversas formas de opressão que o próprio sintoma denuncia.

Referências

Rosa, M. D. (2018). *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. Edições 2, Escuta/Fapesp.

COMO CITAR ESSE TEXTO

Cruz, C.R.; Binkowski, G.I. (2026). Intervenções clínicas do grupo Veredas. *Pathos: Revista Brasileira de Práticas Públicas e Psicopatologia*, v. 12, n.1, p. 140-147.
<https://dx.doi.org/10.59068/24476137grupoveredas>

RECEBIDO EM:05/08/2025
APROVADO EM: 29/11/2025